

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

6.º ANNO

PREÇO DA ASSIGNATURA

Braga, 12 mezes.	1\$600
» 6 »	850
Correspondencias partic. cada linha	40
Annuncios cada linha.	20
Repetição	10

PUBLICA-SE

ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 776

BRAGA—QUINTA-FEIRA 19 DE ABRIL DE 1878

Consummatum est.

Era chegado o tempo de se cumprirem os vaticínios dos Prophetas.

As prophécias de Jeremias tinham tocado o seu occaso.

A grande tragedia do Calvario ia ter o seu começo; a victima innocente ia preser-se sacrificada no escaldado Golgotha.

A Roma dos Cezares ia contemplar o espectáculo mais commovente que dentro de seus muros se tinha praticado.

O mundo velho, decrepito e vacillante, coroava de flores a sua lenta agonia.

Antes de subirmos ao cume da montanha santa para presenciarmos o que alli se passa, lancemos uma rapida vista d'olhos, sobre o que era Roma n'esse mesmo tempo.

As sombras da idolatria cobriam a face da terra, e exceptuando o povo judaico, já n'esse tempo infieis depositarios da lei de Moysés, todos os povos, curvados ao jugo romano, adoravam as proprias paixões, e as fragilidades humanas, symbolisadas em mil fabulosas divindades.

Qual era o vicio, por mais repugnante, que não apontasse para o seu altar, e para o seu quinhão nas crencas? A luxuria e a impudencia chamavam-se Venus, o adulterio chamava-se Jupiter, o roubo Mercurio; as torpezas mais ignobes encontravam protecção no Senado e no Olympo, e viam correr em honra sua o sangue innocente de milhares de escravos.

A liberdade que fôra o principal cunho do povo grego, e a primeira divisa do povo romano, veio cair moribunda, vilipendiada e escarnecida aos pés da nua vista cruelidade de Tiberio, em Caprea, e da demencia sanguinaria de Nero e Calígula!

Mesmo antes seria a liberdade a ideia nobre e pura do povo romano?

Não, mil vezes não.

Lá nos apparecem esses chamados pátreas da sociedade, os pobres escravos, arrancando a mascara da hypocrisia com que se cobriam seus senhores.

O que eram os escravos?

Os escravos eram cousas, e valiam menos do que os irracionais!

Cleopatra provava n'elles o seu veneno. Flaminio decepava-lhes as cabeças para mostrar aos seus convivas as agonias da morte violenta.

O amo recosta-se em brandos coxins, á meza, e a turba servil rodeia-o. Este, enche a dourada taça, aquelle apaga de joelhos os vestígios enojosos da embriaguez; uns velam a noute entre os prazeres sensuaes, outros, aguardam confusos e tremulos a hora dos devaneios lascivos e ferozes.

As mezas gemiam com o peso das baixelas de prata e dos manjares exquisitos.

Cezar devorava em um festim o rendimento de tres provincias.

Lucullo em sua ceia, dada casualmente a Cicero e Pompeio, dispndia seis a sete contos de reis.

Eis o que era Roma, quando o Filho de Deus veio offerrecer a sua vida para a regeneração da humanidade.

No meio dos cantares lascivos da embriaguez e das orgias, os povos e os imperantes não ouvem uma nota solta que atravesse o espaço, suave e plangente como suspiro de harpa eolea. Pois essa nota presagiava a queda do imperio romano, porque era o brado de Jesus, que annunciava que a humanidade ia ser salva. Chegára o dia de sexta-feira.

Logo de madrugada, as trombetas lancam ao vento o toque de reunião na ingrata Jerusalem.

Os soldados agrupavam-se sob os altivos porticos da Porta Judiciaria.

A multidão atropella-se, desejosa de contemplar a condemnação d'um justo.

Por fim a curiosidade publica vae ser satisfeita.

O supposto réo vae ser condemnado! mas que heroica paciencia a sua! Só um Deus a podia ter assim! Ordena Pilatos o barbaro supplicio da flagellação! O sangue corre de todos os membros do seu corpo, mas nem uma palavra se desliza de seus labios! Bradam que morra—calla-se! Lavra-se a sentença—silencio! Trazem a cruz—aceita-a! Poem-lh'a nos hombros—recurva-os! Solta-se o pregão que o declara réo—ouve-o tranquillo! Dá-se a voz de partida—caminha! Paciencia heroica! propria para commover pedras!

Lá vae já a caminho a mais commovente das scenas!

Pelo caminho a innocente victima não recebe senão improperios e affrontas. Nem um só d'esses aquem elle prodigalisara mil beneficios, lhe apparece para o ajudar a levar o pezado lenho que lhe magoia os sagrados hombros. E' preciso que um Simão Cyreneo seja angariado para isso. Entre tanta gente que o seguia, ninguém lhe dá algum allivio. Só apenas uma devota mulher rompe por entre o immenso povo, chega ao afflicto Jesus e lhe limpa com seu lenço o Divino Rosto todo ensanguentado, acção esta que o Salvador lhe recompensa, deixando-lhe o seu rosto impresso no lenço.

Quando o lastimoso cortejo ia a passar por uma das ruas na vertente do Golgotha, sae-lhe ao encontro sua Santissima Mãe! Quem poderá aqui descrever a grandeza d'esta dôr, tanto para o Filho como para a Mãe?

Maria, a candida filha de Judá, mostrou eloquentemente n'esta occasião que ella era a mulher forte, que a esposa dos cantares desejava encontrar. Resoluta, mas tremula, com o coração trespassado pela mais cruel das angustias lá caminha a Mãe das Dôres até ao cume do Golgotha, em seguimento de seu Filho.

Apenas Jesus alli chega, os algozes lhe arrancam a sua tunica pegada ás chagas, e o deitam sobre a cruz. Pegam dos pregos, e dos martellos, e descarregando pesadas pancadas cravam os pés e mãos do Redemptor, com a maior crueldade; depois fazem uma profunda cova, levantam a cruz ao alto, e o poem arvorado.

A pobre Mãe, parece a estatua da dôr, immovel, sem soltar um unico gemido; dir-se-hia que a morte se ia pouco a pouco apoderando d'aquelle attribulado corpo.

Seus olhos são dois rios de lagrimas, seu coração de Mãe estava trespassado pela mais acerba das dôres. Quer valer-lhe, não lhe deixam! Quer, se possivel fosse, morrer junto com seu Divino Filho, não lh'o permittem!

Quer consolal-o, mas a dôr embargalhe a voz.

Ouve-lhe bradar, que tem sede, mas não pôde mitigar-lhe a sede que lhe abrazava o peito.

Quer ir em busca de agna, porém os seus pés estão parece que pregados ao solo.

A's tres horas da tarde Jesus solta um grande brado e exclama — *Consummatum est.*

Estava salva a humanidade! Da crysalida do sepulcro ia nascer a nova borboleta.

Idolos vãos, moral depravada, desigual-

dades absurdas, despotismo oppressor, tudo baqueia, tudo desaba a esse brado de Jesus.

A propria natureza estremece ao ouvir aquelle *Consummatum est.*

O astro rei que até alli dava luz e vida aos miseros viventes, ao soltar-se aquella estrondosa palavra, eclipsou-se, e densas trevas envolveram a face da terra.

As aves suspenderam os seus gorgeios; as massas enormes de pedras e de granito estalarão; os sepulcros abriram-se e de dentro saíram com vida os seus mortos; toda a natureza eleva um publico testemunho de seu pesar pela morte de seu Divino Auctor.

Desde este dia a igualdade perante Deus nivelou o poderoso com o indigente, e oppressor com o opprimido. Os homens ficaram irmãos, e a marca affrontosa da escravidão foi-se desvanecendo da fronte das raças proscriptas.

O escravo já podia dizer a seu senhor: Não sou teu escravo, mas sim um teu irmão resgatado com o mesmo sangue, e com os mesmos direitos á posse do supremo bem.

O madeiro secco, plantado no Calvario, desata-se em ramaria magnifica, florí e fructifica, cobre-se de folhas, estende os braços, desdobra a copa, e á sua sombra augusta vem-se abrigar não só o mundo da antiguidade, mas também mundos novos que hão de surgir das trevas do paganismo quando lhes fôr annunciada a divina palavra.

Uma revolução immensa, a revolução da verdade contra o erro rebentou das raizes da cruz, onde o odio dos phariseus e a cumplicidade dos romanos imaginaram afogar a ideia nova em zombarias e tormentos.

Por toda a parte começaram a apparecer homens, mulheres, e até creanças, que, desligados das affeições e dos laços que prendem o homem, largando tudo, iam pegar na cruz.

No eculeo, nos jardins de Nero ou debaixo do cutello dos verdugos, anteviam o paraíso entre as cruzes da vida, e com vivas saudades do céu não desejavam senão a brevidade da existencia mortal.

Eis a tua victoria, oh! Christo!

Os teus inimigos, cravando te na cabeça a corôa de espinhos, e mettendo-te na mão, por escarneo, a canna verde, como sceptro, imaginaram sepultar para sempre contigo na irrisão as consolações da tua promessa; mas o teu sceptro partiu o d'elles; a tua corôa, resplandecente luzente de estrellas, e o teu sangue derramado gota por gota, cada uma das partes onde cahiu fez surgir uma igreja, levantando exercitos de martyres para cantarem os teus louvores e hastearem a tua cruz!

Segundo a tua palavra foste alçado na eminencia do Golgotha, e abriste os braços, em signal de perdão.

Das tuas chagas manaram rios de sangue, e inclinando a fronte sellaste a grandiosa obra da Redempção, com o *Consummatum est.*

O que succedeu depois?

Jerusalem, a cidade deicida foi castigada, as suas ruinas ergueram o pregão da justiça que a puniu. O sopro arido dos seculos dispersou-as no furacão dos ventos. O mundo convertido rejuveneceu baptisado na fonte viva de teu sangue, e abraçando a cruz aonde padeceste, disse ao futuro a promessa que em vão tinhas annunciado ao presente tantas vezes.

Da tua morte nasceu a vida, do madeiro de teu supplicio brotaram os frondosos ramos da arvore da civilisação, porque tu foste o primeiro apostolo do pro-

gresso e do bem e da tua palavra, seguramente fecunda nasceu, nasceu á voz do tempo e da verdade, o astro que illumina a sociedade moderna no seu caminhar incessante para perfeição relativa, e fallaha comprehender que só pôde ser verdadeiro progresso, o que fôr escudado com a tua cruz!

Derrame-se pois o Evangelho por toda a parte, e só então poderemos proferir consciões da verdade:

Consummatum est!

J. M. R. Valente.

Ào dia 19 d'abril de 1878.

Pater, demitte illis.

Curvae-vos, filhos do crime,
Curvae-vos, vinde, segui-me,
Que é este o dia sublime
Que á crença deu força e luz:
Hoje ao culpado se ensina,
Quando a fronte no chão inclina,
Lição de nova doutrina,
Que á patria eterna conduz:
Oh! que lição! oh! que exemplo!
Um Deus por mestre contemplo
O céu e a terra por templo,
Por nobre altar uma cruz!

Vinde... O gume do cilicio
Retalhe as fibras ao vicio,
Cinza a corôa do supplicio
Essas fronteiras que são réis;
N'alma a dôr abra uma chaga,
D'ella mane o sangue em baga
Que vos goteje nos pés;
Rompa o remorso n'um grito,
Fendendo o peito contracto,
Qual se rasgara no Egypto
O mar á voz de Moysés

Olhae, e vede o Calvario!
De nuvens negro sudario
Toca o nobre sanctuario,
Que sobre o monte aqui está!
Pende no rijo madeiro,
O martyr santo, o cordeiro,
Que da terra o captiveiro
Com seu sangue pagará;
Pende no duro holocausto,
Entre os flagellos, exausto,
Despojado de seu fausto,
O rei, a flor de Judá.

Que mysterio o deste dia?
D'entre nuvens d'agonia
Nas chagas de um Deus se abria
O livro da Redempção
Christo; o sol do paganismo
Se á culpa fechando o abismo
Com as agnas do Baptismo
Grava, esperança no Jordão,
No duro Golgotha agora
No lenho que em torno arvora
Co'o pranto amargo que chora
Co'o sangue escreve: Perdão.

J. M. R. Valente.

Disse o filosofo de Genova que o corpo politico, considerado na sua individualidade, pôde ser tido como um corpo organico. vivo, e semelhante ao do homem, porque o poder soberano representa a cabeça; as leis, e os costumes representam o cerebro; que o principio dos nervos, a sede do entendimento, da vontade, e os sentidos são os órgãos de que os juizes e magistrados se servem; que a agricultura, o commercio, e a industria são a bocca e o estomago, que preparam a substancia commum; e que

as finanças publicas são o sangue, que uma sabia economia elabora no coração, e distribue por todo o corpo para alimentar-lhe a vida; e que os cidadãos são o corpo, e os membros, que fazem mover, viver, e trabalhar a machina, de que nenhuma parte pôde ser quebrada sem que a impressão, e a dôr deixe de subir á cabeça quando o animal tem saúde.

A vida de um, e outro é o eu, commun ao todo. Esta communicacão de sensibilidade reciproca cessará; a unidade formal desaparecerá, e as partes contiguas deixarão de pertencer uma á outra, mudando de posição?

A resposta é que o homem morre quando o Estado se dissolve.

O corpo politico é portanto um ente moral, que tem uma vontade; e esta é a vontade geral, que tende para a conservação, e para o bem estar do todo, e das partes que o compõem; e que é a lei, ou, mais propriamente, a origem das leis, e a regra do justo, e do injusto em relação ao corpo, e aos membros; verdade estas, que mostram o bom senso com que um grande numero de escriptores tem tractado de furto as subtilezas prescriptas aos filhos dos Lacedemonios para ganharem a sua comida frugal, como que se tudo o que a lei manda não seja legitimo!

Convenha todavia observar, que esta regra de justiça, segura com respeito a todos os individuos, pôde falhar para com os estrangeiros, porque neste caso a vontade do Estado, posto que geral para com os seus membros, deixa de o ser para com os estranhos e torna-se vontade particular, e individual, que tem a sua regra de justiça na lei natural, e que pertence ao principio estabelecido em que a grande cidade do mundo se torna em corpo politico, cuja lei natural é sempre a vontade geral, e de que os Estados e os povos não são mais do que outros tantos membros individuos.

D'estas distincções applicadas a cada uma das sociedades politicas, e aos seus membros, emanam regras universaes, e seguras para julgar o bom e o mau governo, e em geral, da moralidade de todas as acções humanas.

Não ha sociedade politica, que se não componha de outras pequenas sociedades de diferentes especies, cada qual com seus interesses e maximas; e estas sociedades que são conhecidas, porque todas tem uma fórma exterior e auctorizada, não são as unicas que existem no Estado! todos os particulares que se reúnem por um interesse commun, compõem outras tantas, ou permanentes, ou temporarias, e cuja força não é menos real por serem menos percebidas, e cujas relações diversas, e bem observadas, fazem chegar ao verdadeiro conhecimento dos costumes.

São estas associações, tacitas, conformaes, que modificam de muitas maneiras a vontade publica pela influencia da sua. Essa vontade das sociedades particulares tem duas relações para os socios; entre elles, e para elles a sua vontade é geral; e para com a grande sociedade é vontade particular, que muitas vezes é recta e justa no primeiro caso, e viciosa no segundo; por exemplo—tal homem pôde ser um padre devoto, ou um soldado bravo, um patricio zlozo, mas mau cidadão: uma deliberação, um accordo, pôde ser util e vantajoso á pequena comunidade, e pernicioso á grande.

E' verdade que as pequenas sociedades particulares, achando-se subordinadas á sociedade geral, lhe devem obediencia, e que os deveres do cidadão estão primeiro do que os do senador; e os do homem primeiro que os do cidadão; e contudo, e por desgraça nossa, o interesse pessoal acha-se sempre na razão inversa do dever, e augmenta á medida que a associação se torna mais estreita, e a obrigação menos sagrada, prova invencivel de que a vontade a mais geral é sempre a mais justa.

Mas d'aqui não se segue que as deliberações publicas sejam sempre equitativas, porque podem deixar de o ser nos negocios estrangeiros. Não é por exemplo impossivel que uma republica bem governada faça uma guerra injusta, nem que o conselho de uma democracia passe decretos injustos, e que condemne um innocente; o que todavia não acontecerá senão quando o povo fôr seduzido por interesses particulares, ou pelo credito e pela eloquencia de alguns homens destros, por quem em taes casos uma coisa será a deliberação publica, e outra a vontade geral; e não nos venham com a democracia de Athenas, porque Athenas nunca

foi democratica, e sim uma aristocracia governada por sabios, e por oradores.

Examine-se cuidadosamente o que se passa em uma deliberação qualquer, e achar-se-ha que a vontade geral é sempre inclinada para o bem commun: muitas vezes porém ha uma scisão secreta, uma confederação tacita, que com vistas particulares illudem a disposição natural da assembleia, como temos visto entre nós mais de uma vez. Então o corpo social divide-se em parte, cujos membros tomam uma vontade boa e justa a seu respeito; mas má e injusta, em relação ao todo de que se separaram. E' o que está acontecendo entre nós no regime actual.

Vê-se portanto com quanta facilidade se explicam com o auxilio d'estes principios, as contradicções apparentes que se notam em muitos homens escrupulosos e honrados em certo modo; e falazes, enganadores, e velhacos em outros, calcando aos pés os deveres mais sagrados, ao passo que se mostram fieis até morrerem a contractos muitas vezes illegitimos! E' assim que homens os mais corruptos, prestam de certo modo homenagem á fé publica; e é assim tambem que os proprios salteadores, inimigos da virtude na grande sociedade, lhe adoram o simulacro nas cavernas, em que se acoitam.

José de Freitas Amorim Barbosa.

(Continúa)

4.ª Redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 6 de Abril, 1878.

Incluo a copia da minha carta de 8 do passado para o *Apostolo* na pia crença de que ainda encontre algum interesse nos leitores do *Commercio do Minho*; não pelo proprio merecimento da expressão, mas pela importancia da materia ou dos assumptos.

Peço porem, para descargo de minha consciencia, que o *Commercio* ponha de aviso algum leitor do *Bemfornoso*, em cujas mãos acaso possa cahir o papel Bracarense, que passe por alto, e não leia cousa em que vá no fundo a minha assignatura. Não quero carregar com a responsabilidade de ir envenenar-lhe o espirito, ou interromper o seu interesse no *Revalessière* ou na *Circassiana*.

A. R. SARAIVA.

SUMARIO.

I.—As circumstancias da eleição do novo Pontifice Leão XIII; parecem Providenciaes, e prometterem, na Sua Pessoa, exactamente o que na conjunctura actual da Santa Sé e do Mundo Catholico se requeria—Admiravel integridade das faculdades intellectuaes e moraes de Pio IX quasi até o instante mesmo da sua morte.—O ultimo discurso do Pontifice fallecido, ante mui distinctas testemunhas, cinco dias antes do seu fallecimento.

II.—Coroação do Santo Padre Leão XIII—que provavelmente, vai perder como Pontifice, as qualidades e virtudes que lhe achava Gallenga, quando esperava que ellas o excluíssem do Pontificado.

III.—Coroação de Sua Santidade Leão XIII, opinião mui vantajosa delle entre-tida antes por Gallenga, que, sem duvida esperava nelle um Papa «liberal».

IV.—Allegação falsa a respeito do General Kauzler.

V.—Allegação improbabillissima, de que Leão XIII queria immediatamente, assim que foi eleito, contradizer e condemnar a conducta de Pio IX.

I.—Sem duvida alguma, para os leitores do *Apostolo*, como para todos os verdadeiros Catholicos, o assumpto de mais vivo interesse neste momento, é tudo o que concerne á eleição e pessoa do novo Chefe da Christandade, o Santo Padre Leão XIII.

Na minha opinião, e ajuizando pelos factos e circumstancias que têm ido transpirando, e apparecendo, eleição tal faz crer, cada dia mais, haver o novo Papa sido evidentemente chamado pela Providencia Divina a substituir, não só dignamente, senão tambem o mais accommodadamente á posição e necessidades da Igreja, na conjunctura actual—tão cheia de difficuldades,—o Grande Pontifice fallecido.

O espirito, o moral, a coragem, a firmeza deste ultimo, estavam em sua

integridade até quasi ao momento mesmo da ultima agonia, que lhe abriu as portas do Ceo; como bem se manifesta pela sua ultima fala em publico, a 2 de Fevereiro no dia da Purificação de Nossa Senhora, a uma numerosa companhia de personagens ecclesiasticas, e fieis, Italianos e estrangeiros.

Não deixa de ser interessante a circumstancia, de que a este ultimo discurso do grande Pontifice, cinco dias apenas antes da sua morte, se achassem presentes, e o escutassem, tantas notaveis e auctorizadas testemunhas, mesmo estrangeiras, que podessem delle dar fé. Bastará destas mencionar, por exemplo, Mgr. Perraud, Bispo d'Autun; Mgr. Perron, Vigario Apostolico das Ilhas dos Navigantes, na Oceania; Mgr. Clifford, Bispo de Clifton, na Inglaterra; Mgr. Strain, Delegado Apostolico de Edinburgo; Mgr. Eyre, Delegado Apostolico de Glasgow (este «Delegado do Apostolico» significa realmente *Arcebispos Catholicos*, que na realidade é o que sam, posto que não se lhes dê por ora o titulo verdadeiro e competente, por não estar ainda declarado o restabelecimento formal e reconhecido, como na Inglaterra, da Hierarchia Catholica na Escossia; que todavia, está de facto funcionando restabelecida; e não tardará, provavelmente, muito que o esteja tambem ás claras, como na Inglaterra).

Este ultimo canto do *Cisne do Vaticano*, que não é fabuloso como o da ave, mas tão real quanto edificante, merece registrar-se no *Apostolo*; pois corôa bem a missão deste Santo Pontifice; de quem pode bem verdadeiramente dizer-se, *talis vita finis ita*. Eis aqui esta ultima expressão d'aquella benevolente e paternal piedade, que será citada e commemorada atravez de longas idades vindouras, emquanto dure a Igreja e o Mundo.

Em presenca das personagens que já mencionei, e de varias outras, compreendendo tambem Mgr. Salva, da Ordem dos Pregadores, Commissario do Santo Officio, disse o Pontifice:—

«E' grande consolação para mim o ver-vos assim reunidos em torno de mim, e formando-me uma coroa de filhos affectuosos. Agradeço-vos o zelo que não tendes cessado de manifestar pela guarda e salvação das almas que vos foram confiadas. Agradeço aos pastores d'almas que se esforçam por obter frequencia na oração e na recepção dos sacramentos.

«Igualmente agradeço aos pastores d'almas e a todo o clero, secular e regular, pelas orações, que por direcção delle, os fieis não têm cessado de offerecer por mim a Deos. A todos vos convido a em meu nome agradecer por mim aos que estão confiados a vosso cuidado. Agradecei-lhes e significai-lhes, que peço a Deos lhes conceda perseverança na oração, frequencia nos Sacramentos, e fidelidade ao Chefe da Igreja. Dizei-lhes que me lembro delles, e por elles oro a Deos todos os dias, para que os guarde sob o escudo de Seu braço direito protector. Uma cousa tenho mais a dizer-vos antes que partais.

«Sei que existem ainda nas diversas parochias pessoas que nem mesmo possuem as necessarias noções da religião. Sei tambem, que ha pais mui culpados em deixar seus filhos crescer nesta ignorancia religiosa: mas tambem sei, que devemos correr a traz dos peccadores para convertel-os, e dos ignorantes para illustral-os.

«Buscai, pois, os ignorantes; illuminai-os com zelo, de sorte que não possa dizer-se que no Centro do Mundo Catholico se encontram almas ignorantes dos principaes mysterios de nossa Religião santa. Empregai-vos com toda vossa força em remover de Roma esta vergonha; empregai-vos de maneira, que por meio de vosso zelo e vossas orações, almas se convertam á Fé, e a verdade brilhe por toda a Cidade Santa.

«Sam estas as palavras que desejei dirigir-vos nesta occasião, não me permitindo a minha fraqueza dizer-vos mais.

«E agora vos abenço; abenço as vossas pessoas, as vossas casas religiosas, todas as almas que vos estão confiadas. Possa esta benção acompanhar-vos todos os dias de vossa vida, e possa esta benção ser o thema de vossas orações e de vossos louvores, quando a Deos agrade chamar-vos ao Paraíso.

«*Benedictio Dei, etc.*»

Na carta de Roma donde traduzo copiando a breve e tocante fala precedente,

conclue o Correspondente, com a seguinte reflexão; á qual certamente não haverá Catholico sincero que deixe de assentir saudosamente.

«A querida e amada voz que pronunciou estas palavras calou-se agora para sempre; o olho impressivo que lhes dava tal effeito está murchado na morte. Mas as palavras ficam, e a lição que ensinam será seguida pelos que os ouviram. Este discurso poderá considerar-se como o ultimo tesamento de Pio ao Clero de sua querida e amada Cidade de Roma».

Occorre-me a mim proprio agora uma reflexão, que manifesta o mais claramente o valor, a superioridade, da grandeza moral, espirital, religiosa, sobre grandezas humanas, mesmo quando estas de facto se acham na posse do poder material, e da força bruta. Excita acaso, pergunto eu, a inesperada morte de Victor Manoel, ha dois dias, mesmo com todas as affectadas pompas do seu enterro, metade do interesse e sensação que despertou na propria Roma, como por todo o Mundo, o fallecimento de Pio Nono?

A. R. SARAIVA.

(Cont' sua)

Demonstrações de sentimento pela morte do S. Padre Pio IX.

Barcellos.—O arceprelado de Barcellos commemorou no dia 13 do corrente o passamento do nosso muito amado e nunca esquecido Pae Commum o Summo Pontifice Pio IX.

Foi a egreja dos Ferreiros d'aquella villa a escolhida pelo muito revd.^o arcepreste para n'ella celebrarem se as sollemnes exequias, em consequencia do rito bracarense não permittir que se fizesse na egreja da Collegiada.

Estiveram pomposas e muito concorridas. A egreja achava-se toda forrada de preto, e fora do arco cruzeiro levantava-se um catafalco no qual se via o retrato do Santo Padre Pio IX: era encimado por uma cupula assente sobre quatro columnas.

Officiou o muito revd.^o arcepreste; e lançaram as absolvições os revd.^{os} abba-des de Gallegos, de Santa Lucrecia d'Aguiar, de S. Verissimo, e de Perilhal, sendo a ultima pelo muito revd.^o arcepreste. Assistiram para cima de cento e dez padres. Tambem assistiram os exc.^{mos} juiz de direito, dr. delegado, administrador do concelho, camara municipal, juiz ordinario, assim como muitos cavalheiros da villa de Barcellinhos, e outras localidades, e muito povo: muito ficou fora da porta por a egreja não ter o espaço preciso.

O orador foi o exc.^{mo} conegó Figueiredo, da Sé de Braga, que entreteve o auditorio por espaço d'uma hora, com um commovente e logico discurso.

O officio, missa e responsos foram a grande orchestra de que é regente o snr. Manoel Leite de Carvalho, e desempenhou bem.

Concluiu-se esta solemnidade depois das 3 horas da tarde.

GAZETILHA

Sabbado Santo.—Conclue neste dia, com as solemnidades prescriptas pela Egreja, a grande semana, ou Semana Santa.

Na Sé, por 9 horas da manhã, depis dos officios proprios terá lugar a Benção do novo lume, ladainhas, e Benção d'agua, na pia Baptismal. Começa depois a missa: á Gloria apparecerá a Alleluia, desenrolando se a ban'teira do Senhor Resuscitado, e simultaneamente se descerram todas as cortinas do templo e frestas. Este acto, não obstante ser d'antigo costume, é sempre muito concorrido de fieis.

No grandioso templo dos Congregados se fará a coroação de N. Senhora, cantando se a antiphona *Regina cali*, a grande instrumental. Alli costumam concorrer todos os mordomos e devotos de N. Senhora das Dôres.

Processões.—Tanto na Misericordia como em Santa Cruz, está tudo preparado para que se effectuem as duas processões já annunciadas. A de quinta-feira á noite, de Endoenças, ainda mesmo que não possa dar o circulo do costume por causa do tempo, a commissão que administra a Santa Casa da Misericordia está resolvida a que ella se realice por dentro da Sé como já alguns annos tem acontecido.

Outro tanto se não pôde dar com a de sexta-feira de tarde, ou do Enterro, que deve sair de Santa Cruz. Segundo nos consta, está tudo bem disposto e definitivamente resolvido para que ella se faça digna do augusto Objecto a que é dedicada. Como já dissemos, ha muitos annos—parece que desde 1803—d'aquella casa, ou com a sua coadjuvação, sómente se fez duas vezes. Será portanto para sentir que o tempo obste a que ella saia, sendo de mais a mais uma função que não pôde ficar adiada, nem demorada, com differença d'horas.

Theatro.—Polla, com a companhia que organisou, vem dar algumas recitas no theatro de S. Geraldo, d'esta cidade.

Exequias por Pio IX em Coimbra.—Escrevem de Coimbra:

Estiveram magnificas as exequias na igreja de S. João de Almedina, por alma do Pontífice Pio IX, mandadas celebrar pelos alumnos da faculdade de Theologia.

O templo estava todo coberto de crepe, e no meio d'elle se levantava uma magestosa eça.

Assistiu a este acto religioso o prelado diocesano, e igualmente assistiu uma grande parte do corpo docente, muitos academicos e cidadãos de todas as classes.

Noticias de Barcellos.—Sabemos que o cabido da Collegiada tem resolvido de ha muito celebrar tambem umas exequias solemnes na sua igreja, por alma do SS. Padre Pio IX, e se o não tem feito já, não é elle o culpado. Circumstancias especiaes se deram para isso, e já agora como se não fizeram em tempo competente, sómente para junho é que devem ter logar.

—Domingo de Paschoa ha de ter logar no fim da missa da resurreição um solemnisimo *Te-Deum* a grande orchestra mandado celebrar pelo cabido da insigne e real Collegiada pela eleição do Summo Pontífice Leão XIII. São convidados para assistirem todas as authoridades judicias e administrativas, camara municipal, todas as irmandades e confrarias da Parochia o Clero.

Itinerario da procissão do Enterro.—O itinerario d'esta procissão, que deve sair de Santa Cruz, se o tempo o permittir, na sexta feira, depois das 3 horas da tarde, não sahirá pela rua de S. Marcos, mas sim pela rua de S. João, seguindo o transito da dos Passos, recolhendo pela rua de S. Marcos.

Por esta occasião se lembra ás pessoas que por sua devoção quizerem dar alguns anginhos, que como estes não são admittidos maiores de 10 a 12 annos, tambem se espera que não apresentem creanças de tão tenra idade, que seja necessario ás vezes pegar n'ellas ao collo, o que se torna incommodo, principalmente por a procissão recolher de noite.

Expedição hollandeza ao polo norte.—Estão quasi terminados os preparativos da Expedição hollandeza ao polo norte. O *Willem Barendz* chamado assim em honra do primeiro hollandez, que tentou empreza similhante no fim do seculo XVI, deve fazer-se de vela nos primeiros dias de março.

Tempestade de neve.—A mais violenta tempestade de neve que se tenha visto nos Blak Hills desde a expulsão das Indias, teve logar de 7 a 12 de março ultimo. Em Deadwood. A altura de neve excedia 3 pés. As communicações pelo telegrafo e pelas diligencias foram interrompidas. Os campos soffreram grandes prejuizos, pois os telhados de muitas casas haviam sido esmagados debaixo da neve.

Requerimento.—O requerimento que ha tempo dissemos ter o snr. padre Amado, desembargador da Curia patriarchal, dirigido á camara dos pares, pedindo o restabelecimento das ordens religiosas, é concebido nos termos seguintes.

Dignos Pares do Reino

O povo portuguez, educado e dirigido, em grande parte, pelas ordens e congregações religiosas, a começar do seculo VI, vê-se d'ellas privado, ha quasi meio seculo, exemplo que se não tem dado em nações da Europa, onde por abalos sociais igual medida foi tomada.

Em Hespanha, Dignos Pares, ha hoje congregações dos dois sexos com ampla liberdade de profissões, novos conventos se estabelecem, ou constroem, até em Madrid.

Em França, onde se realisou a mesma extinção, que em Portugal, o governo d'aquella nação tem autorisado e permittido o restabelecimento das referidas ordens e congregações, a ponto que, segundo a estatística official, publicada no

anno de 1861, havia quatorze mil e vinte conventos dos dois sexos, contendo cento e oito mil cento e dezenove religiosos e religiosas.

E este numero de conventos e pessoal terá augmentado muito; porque não é crevel que durante os deseseis annos decorridos, os catholicos francezes tenham parado em senda tão proveitosa assim á Egreja, como á sociedade civil.

De um convento mais sabe o supplicante, e com elle muitos, o qual agora poderá estar acabado de construir, achando-se á testa da fundação uma nobre e illustre senhora portugueza, filha do vosso, ainda ha poucos annos, presidente, o senhor Duque de Loulé.

E não figura, Dignos Pares, este novo convento em qualquer povoação retirada; mas sim na cidade de Moulins (20:000 h.) capital do Departamento de Allier (390:000 h.) e sede de um grande bispado.

Dignos Pares do Reino, quando se considera, que uma tão digna filha de Portugal teve de retirar-se para dar expansão aos sentimentos da sua consciencia em terra estrangeira; quando se pensa que ella, no desterro, por suas excellentes qualidades e virtudes attrahiu respeito, a ponto de ser elevada a fundadora de um convento da sua ordem, o que em sua patria lhe seria impossivel, magua e tristeza surgem logo.

N'estas circumstancias, Dignos Pares, e em presença dos exemplos, que se observam em quasi todas as nações, catholicas, ou não, dos dois mundos, o supplicante

Pede-vos, que vos digneis deferir, autorisando quanto em vós cabe, o restabelecimento de todas as ordens e congregações religiosas dos dois sexos com plena liberdade de profissões.

E. R. M.

Lisboa, 9 de março de 1878.

O desembargador da Relação Patriarchal

José de Sousa Amado.

Escultor cego.—Fallaram em tempo as chronicas de Italia, como de phenomeno singular, de um cego que trabalhava em cera com tanto primor e delicadeza, retratando a qualquer pessoa que para esse fim lhe apresentassem, e fazendo tão perfeitas copias de estatuas e bustos de marmore que geralmente era tido em conta de insigne escultor. Este artista, cujo nome foi coberto do pó do esquecimento, floresceu no seculo XVII e teve por patria a Cambassi, na Toscana.

Estando em um dia no palacio Justiniano a copiar uma estatua de Minerva, foi observado attentamente por um curioso de bellas artes, que, cheio de asombro lhe perguntou se via alguma cousa, por pouco que fosse pois que copiava com tanta exactidão e semelhança.

—Nada vejo, respondeu o artista; os meus olhos estão nas pontas dos dedos.

—Mas como é possivel que em tal estado de cegueira faças obras tão perfeitas, copias tão semelhantes?

—Apalpo o original que pretendo retratar; examino com o maior escrupulo e attenção suas dimensões, eminencias e cavidades, e dura este exame até que me ficam de memoria. Depois pego da cera e lhe dou a fórma do objecto que se acha representado na minha imaginação; e para o aperfeçoar faço a comparação pelo tacto entre o original e a copia, correndo muitas vezes as mãos ora por aquelle, ora por esta emendando sempre e aperfeçoando até que, julgando não poder chegar a maior perfeição, dou o meu trabalho por concluido.

O curioso parece que se deu por satisfeito com a explicação do escultor: por rém não aconteceu outrotanto com o duque de Braciano, segundo referem as chronicas porque este fidalgo, duvidando de accreditar tão estranha maravilha, quiz que o artista lhe tirasse o retrato em casa totalmente ás escuras. O artista conveio, metteu mãos á obra, e afinal sahio á luz um busto que todos que o viram confessaram que não podia ser mais parecido com o duque.

Comtudo houve quem dissesse que fôra grande vantagem para o artista ter o duque as barbas compridas e que se tivesse de retratar um rosto inherbe encontraria menos facilidade e talvez impossibilidade.

—Pois bem! diz o escultor, apresen-

ta-me para eu retratar um rosto que offereça essa difficuldade.

Propuzeram-lhe para esse fim uma dama da duqueza. Aceitou: o retrato sahio de suas mãos, copia fiel do original, deixando os incredulos convencidos e os invejosos confundidos.

Urso desajamado.—Participam de Avesnes ao «Propagateur du Nord» que no dia 9 do corrente, pouco depois do meio-dia, trabalhavam dois acrobatas naturaes de Ariège na praça da Gare, onde faziam trabalhar um urso de grandes proporções, quando um cão de fila arremetteu contra o animal.

Este, para se defender, quebrou a corda e rasgou o açaimo. Quanto ao mollosso, havia desaparecido; o urso, á falta do seu aggressor, investiu então com as pessoas circumstantes, mordendo-as, esfarrapando-as e atirando-as de pernas para o ar.

Uns armaram-se de varapaus, outros de forcados, os militares tiraram dos sabres, e assim se travou uma lucta formidavel contra o terrivel animal furioso.

Afinal, conseguiram forçal-o a deter-se a um canto, onde os acrobatas lhe tornaram a cingir a focinheira.

Ficaram seis pessoas feridas, e entre ellas duas com bastante gravidade. Com respeito ao bicho, foi mettido n'uma casamata e logo medicamentado, embora se espere que elle não sobreviva muito a um golpe de sabro que levou no pescoço.

Questão do Oriente.—Os ultimos telegrammas relativos á questão do Oriente, são os que seguem:

Constantinopla 13—A Porta, n'uma circular que dirigiu ás potencias, reconhece que o tractado de S. Stefano é a consequencia das derrotas dos exercitos turcos, mas está decidida a cumprir lealmente esse tractado. Entretanto a Turquia considerar-se-hia feliz se as clausulas fossem suavizadas pela intervenção amigavel das potencias e pela moderação da Russia.

Paris 14—O principe Bismark prometteu influenciar energicamente para persuadir a Russia a reconhecer no congresso plena faculdade para modificar o tractado de S. Stefano, relativamente ás alterações territoriaes na Turquia da Europa com a condição porém de que as potencias acceitem a retorcensão da Bessarabia e extensão do territorio russo na Asia até Erzeroum, não discutam a indemnisação pecuniaria que é questão particular com a Turquia.

A Roumania decidiu protestar junto das potencias contra a entrada dos russos no territorio do principado.

Os russos tractam varias localidades como paiz inimigo.

Corre o boato de que o principe Bismark procura antes conciliar a Russia e a Austria do que fazer reviver a ideia do congresso.

Londres 15—Um despacho de S. Petersburgo para o «Times» diz que é possivel que os esforços da Allemanha deem como resultado uma conferencia preliminar, pois acredita que o governo inglez é agora mais favoravel a esta proposta.

Constantinopla 14—Os russos tomam varias disposições para a prompta occupação de Constantinopla e o alto do Bosphoro ao primeiro signal, caso o rompimento da Inglaterra.

Ragusa 14—Dispõem-se para tomar novamente armas 32 chefes insurgentes herzegovinos os quaes não querem estar sujeitos ao governo turco da Herzegovina.

Londres 15—Os jornaes inglezes consideram a situação menos boa.

O «Times» diz que estão mais afastadas que nunca as perspectivas do congresso ou o accordo pacifico.

O principe Carlos da Roumania notificou aos governos de Berlim e Vienna a resolução em que está de abdicar, se se permittir á Russia a usurpação do governo da Roumania.

A Russia emprega os maiores esforços afim de ganhar a alliança da Servia para a eventualidade de rebentar a guerra.

Berlim 15—Eis como se define a situação:

A Austria e a Russia teriam solicitado a mediação da Allemanha, que da sua parte declarou que emprehenderá essa mediação sómente quando seja tambem pedida pela Inglaterra.

Esta situação foi notificada officiosamente á Inglaterra, a qual ainda não respondeu.

Londres 16—Um despacho de Berlim, publicado pelo «Times», diz que a Russia está organisando levás geraes de tropas.

Em Constantinopla, receiava-se, no domingo e segunda feira, uma tentativa dos russos, contra aquella cidade.

Os russos estão descontentes, ao vêr que se prolonga a situação duvidosa.

O «Standart» publica um telegramma de Pest, annunciando que os russos occupam já Schumla

O «Times» diz que houve, no dia 14, a troca semi officiosa dos intuitos amigaveis entre os gabinetes russo e inglez.

O gabinete de Londres declarou o sincero desejo de dar uma solução pacifica, mas mantem o desejo do tractado ser submettido na integra do congresso das potencias. O de S. Petersburgo respondeu que o tractado será submettido na integra ás potencias.

A Russia admittie a plena liberdade de discussão, mas reserva para si igual liberdade d'acção.

A resposta de Gortschakoff a Salisbury prova que a Russia está disposta a discutir mesmo as clausulas mais importantes.

O «Times» conclue que a conferencia preliminar parece não encontrar a minima difficuldade.

Portuguezes fallecidos.—Desde 18 a 20 de março falleceram no Rio de Janeiro, os seguintes subditos portuguezes:

Joaquim de Araujo Vide, 30 annos casado; Luiz de Bento, 30 a. c.; José Joaquim Pereira, 14 a.; Manoel Pinto Ferreira, 12 a.; Delina Rosa, 53 a., v.; Francisco Luiz Pereira, 38 a., s.; Antonio Fernandes das Doreis, 35 a., s.; João Antonio Segadas Vianna, 58 a., v.; José de Araujo Pinto, 54 a., v.; José da Silva Carvalho, 23 a., c.; Lourenço José de Miranda, 70 a., c.; Maria do Carmo, 30 a., c.; José Bento, 28 a., s.; Agostinho Machado Bertão, 23 a., s.; Faustino Carlos, 20 a., s.; Antonio Moreira da Silva, 46 a., c.; Manoel Ferreira de Carvalho, 30 a., c.; Manoel da Silva Louro, 44 a., c.; Francisco José da Costa, 32 a., s.; Manoel Gomes de Almeida, 30 a., s.; José Antonio Pires, 14 a.; Victorino Alves, 39 a., c.; José da Silva, 25 a., c.; Francisco Pereira Brandão, 18 a., s.; Maria dos Santos, 40 a., s.; Antonio Joaquim Pereira Guimarães, 46 a., c.; Manoel Ignacio Nunes, 84 a., c.; Antonio Tavares, 20 a., c.; Luiz Martins Gomes, 23 a., c.; Joaquim José Gonçalves de Almeida, 49 a., s.; Francisco Rodrigues Nunes, 44 a., v.; José Martins Fagundes, 38 a.; Luiza Candida, 80 a., v.; Antonio da Rocha Martins, 49 a., s.; Manoel Francisco Ferreira, 75 a., c.

Preço dos cereaes.—Na terça-feira ultima, n'esta cidade, o preço dos cereaes foi:

Trigo.	850
Milho alvo.	550
Centeio	560
Milho branco	430
» amarello.	420
Painço.	480
Cevada.	560
Batata.	600
Feijão vermelho.	900
» amarello	700
» branco	800
» rajado	600
» fradinho.	480
Azeite.	5,200

Sermão.—O prégado nas exequias de Pio IX, no dia 23 de março, na igreja parochial de S. Julião de Lisboa pelo eminente orador catholico padre Seabra, vende-se no escriptorio da administração d'este jornal pelo preço de 100 reis.

A' memoria de D. Anna de Jesus de Campos Azevedo Soares.

Não foste tu tiranna e cruel morte
Que vieste ceifar esta existencia?
Quem sabe? talvez seria a sorte
A chamar este anjo de innocencia.

Tão cedo a morte te veio roubar.
Joven, apenas tinhas vinte annos!
Que importa se Deus te quiz levar
Quem pode sondar os seus arcanos?

A senda da virtude tu trilhaste.
Como anjo na terra viveste,
Nunca de Deus te retiraste,
No ceo acceita a coroa que mereceste

Quem disse oh! donzella que morreste?
Não volveu á gloria a tua alma?
Se foi muito na vida o que soffreste
Vais já de virgem receber a palma.

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1878.